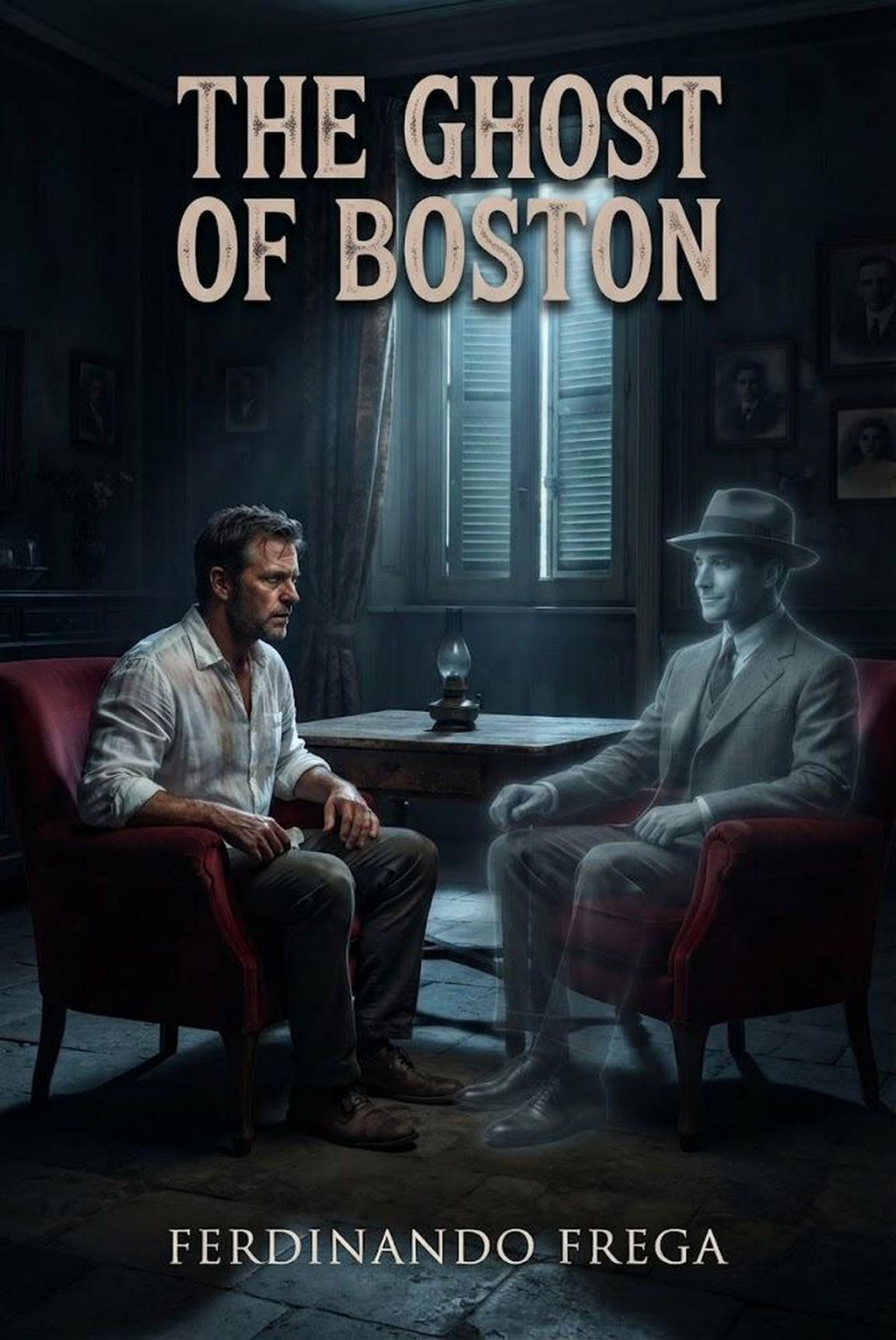
THE GHOST OF BOSTON



FERDINANDO FREGA

O FANTASMA DE BOSTON

THE SYSTEM · 12

Quando você fala dos dois últimos anos da sua vida, não está simplesmente revisitando um começo e um fim. Está descrevendo um ponto de ruptura do qual não há volta, só destino, muito parecido com o meu.

Tinha virado quase um mantra. Toda vez que alguém se perguntava quem você era, a resposta vinha naturalmente, familiar para muitos, mas de fato compreendida por poucos.

Não ser nada além de alguém que ninguém espera que exista, e mesmo assim lá está você. E temos o mesmo nome.

A primeira testemunha verdadeira dessa existência foi minha filha Giorgia, vinte e três anos, vivendo com paralisia parcial nos membros inferiores, um presente de nascença causado por um parto demorado e, talvez, por pouca atenção.

A raiva dela virou meu desafio, a mesma raiva que um dia deixei sobre o túmulo da minha mãe e que depois reencontrei nela. Nunca perdia uma oportunidade de me desafiar, de me enfrentar, de me dizer tudo o que a irritava no meu comportamento. Tinha sido criada pela mãe, uma mulher simples e instruída, com a complicação adicional de ser formada na universidade e perfeitamente integrada ao quadro aceito pela sociedade.

Aquela era a normalidade delas. Era exatamente o que eu sempre tinha deixado de lado e excluído da minha própria vida.

Não adiantava discutir com as duas mulheres da minha família. Eu nunca ia ganhar. Não porque tivessem razão, mas por caráter. Eu

sempre tinha adorado perder. Elas nunca souberam disso.

Foi numa noite sufocante de agosto. Eu tinha pulado o jantar, mais uma forma de provar a mim mesmo que dominava tanto a intimidade quanto a comida, quando um barulho seco me acordou.

Achei que fosse o cachorro, meu labrador americano, a única fonte lógica de um som daqueles. Mas eu estava errado.

Quando cheguei à sala de jantar, eu o vi sentado na poltrona vermelha com seu meio sorriso.

Eu o conhecia.

Era o Fantasma de Boston.

Cumprimentou-me do outro lado da sala como um velho amigo e reclamou logo de ter tido que viajar até a Calábria saudita. Quarenta e cinco graus Celsius eram excessivos até para ele, e ser obrigado a deixar as costas frescas do Maine não tinha melhorado seu humor.

Lembrou-me das três histórias que eu tinha publicado na seção de fantasia da Gillettenarrative. A Leitora de Mãos, disse ele, tinha divertido muitos dos colegas dele, e alguns deles se perguntavam quando aquilo tudo tinha acontecido.

Eu não tinha a menor vontade de escrever uma continuação, então, depois de tranquilizá-lo, perguntei o que o tinha trazido à minha casa.

“Vim por outro motivo”, respondeu.

A natureza do encontro não era espiritual, mágica, esotérica, editorial, literária nem financeira. Ele não tinha acordos com ninguém na P&G. Simplesmente queria me contar a minha

própria história, me explicar quem eu era e revelar a parte de mim que eu não conhecia.

Deixei claro que, se a conversa virasse antropológica, genealógica ou ginecológica, eu não pagaria um centavo. Não assinaria nada. Não precisava saber se pertencia a uma casta nobre ou a alguma casa antiga.

Ser o que eu já era me parecia suficiente.

“Seu antepassado era georgiano”, disse ele. “Um povo que vive há muito tempo em tensão com os russos. Gente séria, precisa. Não belicista. Simplesmente amante da vida.”

“SEJA BEM-VINDO”, respondi. “Agora a história está ficando interessante.”

“Você é realmente um magnífico filho da puta, Bladefrega”, disse o fantasma. “Parte do que você escreveu sobre suas origens é verdade. O mesmo instinto que sempre te guia. Mas estou prestes a te contar o que você nunca poderia ter escrito, porque não sabia.”

Ele apontou para a outra poltrona vermelha.

“Sente-se. Aqui não tem nenhuma cartomante. Estamos sozinhos. Vamos nos olhar direito e nos entender um pouco melhor.”

Ferdinando Frega
Gillette Man ⚔️